

## 6

### Tempo e causa

Vimos no capítulo anterior alguns fatores que favorecem a interpretação condicional nas orações adverbiais introduzidas pelo **quando**. Observamos que algumas combinações de predicções com relação temporal efetuadas pelo **quando** levam a uma leitura condicional. As combinações de tempos verbais que apresentam o aspecto imperfectivo são as que mais freqüentemente propiciam a presença da idéia de condição nas chamadas construções adverbiais temporais com sentido condicional.

Outro tipo de relação semântica envolvendo as orações adverbiais introduzidas pelo **quando** é a que concilia as noções de tempo e causa. Em certos tipos de construções, podemos notar que, à idéia relativa ao tempo do acontecimento expresso na oração principal, a oração adverbial acrescenta a noção de causa referente a esse mesmo acontecimento.

Diferentemente do que observamos em relação às frases que expressam a idéia de condição, os enunciados que favorecem a leitura causal são, geralmente, caracterizados por tempos verbais que abrigam o aspecto perfectivo, que remete a ações/eventos/processos já concluídos em sua totalidade. Assim, a relação que se constrói, em conjunto com o sentido temporal, é a de causa e efeito entre os fatos expressos nas orações principal e adverbial. Analisemos os seguintes exemplos:

17- **Quando** foram informados de que não havia cofre, os bandidos ficaram ainda mais nervosos.

18- **Quando** acertamos o saque, diminuindo a velocidade das chinesas, as coisas começaram a melhorar.

19- Na delegacia, **quando** o rapaz comentou que não ficaria preso por ser menor, Maria do Carmo saltou com uma faca na jugular dele e o matou, num só golpe.

Primeiramente, podemos apontar para o fato de que, nas três construções, ocorre o pretérito perfeito tanto nas orações principais como nas adverbiais. O uso deste tempo verbal, que abriga o aspecto perfectivo, remete à idéia de uma ação concretizada em sua totalidade, ou seja, o fato é tomado como algo que efetivamente ocorreu. Não há, desta forma, espaço para dúvida, hipótese ou incerteza. Diferentemente do que vimos ao analisar as construções temporais com sentido condicional, no caso das causais a substituição pela conjunção *se* não é admitida, por comprometer a aceitabilidade dos enunciados.

17' – (?) *Se* foram informados de que não havia cofre, os bandidos ficaram ainda mais nervosos.

18' – (?) *Se* acertamos o saque, diminuindo a velocidade das chinesas, as coisas começaram a melhorar.

19' – (?) Na delegacia, *se* o rapaz comentou que não ficaria preso por ser menor, Maria do Carmo saltou com uma faca na jugular dele e o matou, num só golpe.

Notamos, logo à primeira vista, que, ao substituímos o **quando** pelo *se*, os enunciados deixam de fazer sentido. Tal constatação pode ser explicada pelo fato de que os verbos que denotam o aspecto perfectivo estão ligados à noção de ação conclusa, pontual “em que a expressão lingüística dá uma ocorrência já completada (...) que corresponde a um simples ponto na linha figurada do tempo<sup>44</sup>”.

Assim, ao utilizarmos termos que denotam uma idéia oposta a esse conceito de ação encerrada – dúvida, probabilidade, hipótese – deparamo-nos com enunciados comprometidos em seus significados.

Voltando aos exemplos 17, 18 e 19, verificamos que, na linha cronológica do tempo, o fato expresso na oração adverbial antecede o da principal nas três construções. Ao analisarmos o valor semântico de cada um dos enunciados, não é difícil perceber que a relação que se estabelece entre as idéias das orações

---

<sup>44</sup>CÂMARA JR. J.M., op. cit., p. 16.

adverbial e principal é de causa e efeito (além da noção temporal que co-ocorre com o sentido causal). A substituição do **quando** por *uma vez que* e *porque* corrobora nosso raciocínio:

17'' – *Uma vez que* foram informados de que não havia cofre, os bandidos ficaram ainda mais nervosos.

18'' - *Uma vez que* acertamos o saque, diminuindo a velocidade das chinesas, as coisas começaram a melhorar.

19'' - Na delegacia, *uma vez que* o rapaz comentou que não ficaria preso por ser menor, Maria do Carmo saltou com uma faca na jugular dele e o matou, num só golpe.

Ou, invertendo-se a ordem das orações:

17''' – Os bandidos ficaram ainda mais nervosos *porque* foram informados de que não havia cofre.

18''' – As coisas começaram a melhorar *porque* acertamos o saque, diminuindo a velocidade das chinesas.

19''' – Na delegacia, Maria do Carmo saltou com uma faca na jugular do rapaz e o matou, num só golpe, *porque* ele comentou que não ficaria preso por ser menor.

Assim, em 17, podemos afirmar que a **causa** que motivou o fato de os bandidos ficarem mais nervosos foi a informação de que não havia cofre. É certo, também, que o momento (**tempo**) a partir do qual bandidos ficaram nervosos foi ao saber que não havia cofre, porém, nos parece que a idéia causal possui uma carga mais significativa que a temporal.

Em 18, podemos raciocinar de modo idêntico: ter acertado o saque foi a **causa**, a razão, o motivo que teve como resultado a melhora da equipe na partida. Vale mencionar, neste caso específico, o fato expresso na oração intercalada entre

a adverbial e a principal, que esclarece o “benefício técnico” que o fato de passar a acertar o saque gerou e que, conseqüentemente, levou à melhoria das coisas: diminuir a velocidade das chinesas. No entanto, a oração intercalada funciona como mera informação adicional, que não compromete o sentido causal da frase caso a retiremos:

18’’’’ – **Quando** acertamos o saque, as coisas começaram a melhorar.

Como em 17, não podemos ignorar a presença da idéia de tempo: as coisas começaram a melhorar a partir do momento (**tempo**) em que a equipe acertou o saque, porém, novamente, a noção **causal** parece-nos mais evidente.

Em 19, o comentário do rapaz, de que não ficaria preso por ser menor, levou Maria do Carmo a matá-lo com uma facada no pescoço. Novamente as idéias de tempo e causa se misturam, sendo a segunda mais expressiva, pois o contexto nos leva a entender que o teor do comentário do rapaz (**causa**) motivou a ira de Maria do Carmo, naquele instante (**tempo**).

Em 17, 18 e 19, temos exemplos de construções em que coexistem as idéias de causa e tempo, sendo a primeira contextualmente mais significativa. No entanto, é válido observar que as três frases se assemelham por um importante detalhe: em todas, a oração subordinada adverbial localiza-se à frente da chamada principal. Entendemos que tal fato tem relevância no significado final do enunciado, pois, da maneira que estão estruturadas as sentenças, o sentido causal acaba intensificado, enquanto a idéia temporal é sutilmente atenuada.

Em 20, temos outra construção que une as idéias de tempo e causa, com a diferença de que a oração principal antecede a adverbial.

20- A confusão começou **quando** um ladrão roubou um Astra nas esquinas das ruas Guilhermina Guinle e São Clemente, por volta de meio-dia.

Diferentemente de 17, 18 e 19, esta frase acaba por marcar a idéia temporal de uma forma mais significativa que a causal. O fato de a oração principal estar posicionada à frente da adverbial confere maior ênfase à informação relativa ao tempo a partir do qual “a confusão começou”. Acreditamos

que, com a ordem das orações invertida, invertem-se, também, esses níveis de intensificação entre as idéias de tempo e causa.

20'- Quando um ladrão roubou um Astra nas esquinas das ruas Guilhermina Guinle e São Clemente, por volta de meio-dia, a confusão começou.

A presença da oração adverbial à frente da principal intensifica, na nossa maneira de ver, o fato que motivou o início da tal confusão. Portanto, julgamos coerente afirmar que, em 20', a idéia causal sobrepõe-se à temporal, já que, logo à primeira vista, somos informados de que um ladrão roubou um carro e que tal fato culminou com uma confusão.

Apesar dessa sutil variação semântica resultante da ordenação entre as orações, cabe deixar claro que, independentemente da ordem em que elas se encontram, as idéias de tempo e causa coexistem naturalmente nos exemplos de 17 a 20. O fato de uma idéia possuir uma carga mais forte em virtude da ordenação da construção, de maneira nenhuma exclui a outra. Atenuar não significa eliminar.

Assim como observamos nas construções que apresentam relação temporal com sentido condicional factual, a substituição de **quando** por *uma vez que* se revela aceitável, com algumas ressalvas:

20''- A confusão começou *uma vez que* um ladrão roubou um Astra nas esquinas das ruas Guilhermina Guinle e São Clemente, por volta de meio-dia.

Sobre o uso de *uma vez que* para denotar causa e condição, Garcia (2004, p.98) escreve que tal locução “exprime condição quando o verbo da oração que encabeça está no subjuntivo. Mas, se estiver no indicativo, ela passa ter sentido causal<sup>45</sup>”. Da mesma maneira, Maria Elizabeth de Sá Cunha Pinheiro (1980, p.47) afirma que “*uma vez que* tem sentido causal quando o verbo da subordinada figura no modo indicativo<sup>46</sup>”.

<sup>45</sup>GARCIA, O.M., op. cit, p. 98.

<sup>46</sup>PINHEIRO, M.E. de S. C., *Os períodos hipotéticos: uma análise pressupocisional*, Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, p. 47.

Tal raciocínio pode ser aplicado aos exemplos 17, 18 e 19, que apresentam verbos conjugados no pretérito perfeito do indicativo – tempo que favorece a interpretação causal – conforme vimos ao testarmos a troca de **quando** por *uma vez que* em 17'', 18'' e 19''.

As ressalvas, todavia, dizem respeito ao fato de que, ao substituirmos **quando** por *uma vez que*, notamos um enfraquecimento da idéia temporal referente às sentenças originais. Essa distinção semântica, como observamos em alguns exemplos anteriores, só pode ser justificada pelo próprio conteúdo inerente a cada uma das conjunções que atuam de forma a garantir a coesão dos enunciados.

No entanto, se retomarmos os exemplos 15 e 16, constataremos que os verbos também se encontram no modo indicativo (sabe e têm), caracterizando as construções que expressam relação temporal com *sentido condicional factual*. E, nos dois exemplos, a substituição do **quando** por *uma vez que* se revela aceitável, com a mesma alteração semântica que apontamos em 17'', 18'' e 19'' – o enfraquecimento da idéia temporal. Assim, temos a ocorrência de *uma vez que* seguida de formas verbais no indicativo, estrutura que, segundo as afirmações de Garcia (2004) e Pinheiro (1980), propiciariam leitura causal.

Diante deste aparente dilema, cabe o questionamento: até que ponto podemos apontar diferenças semânticas entre uma oração adverbial temporal com sentido condicional factual e uma oração temporal com sentido causal? Como dissociar seus significados se ambas podem ser entendidas como justificativa para o fato mencionado na oração principal? Será a oposição aspectual *perfectivo x imperfectivo* suficiente para impor um hiato entre as duas áreas do significado, ou estaremos diante de duas possibilidades de expressão sutilmente distintas de uma mesma modalidade?